

CALVINO REVISITADO OU “FAVOLARE FAVELLARE”: ENTREVISTA COM NILSON CARLOS MOULIN LOUZADA

*Ana Maria Chiarini**

Universidade Federal de Minas Gerais

*Anna Palma***

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Esta entrevista é resultado de uma conversa com Nilson Moulin que teve início por ocasião de sua visita à UFMG como convidado do IV Simpósio Italo Calvino, em agosto de 2014, e foi concluída por email no final do mesmo ano.

Palavras-chave: Tradução. Literatura traduzida. Italo Calvino.

Nilson, como se deu seu encontro com a obra de Calvino?

Meu primeiro contato com a obra de Calvino se deu em Moçambique, no início dos anos 1980, por meio de um prefácio que ele, enquanto editor, escreveu em 1955, para *Fiabe africane* de Radin, da casa editorial Einaudi. Aquele texto muito me agradou porque, para além de suas qualidades literárias, evidenciava uma perspectiva política ampla, de um autor ciente dos riscos de ser eurocêntrico, também no âmbito editorial.

As traduções certamente foram fundamentais para a expansão no Brasil dos estudos calvinianos. Fale-nos da sua experiência de tradutor de Calvino, as satisfações,



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

* Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1985), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1992) e doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002). Atualmente é professora de língua e literatura italiana da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: anachiarini@gmail.com.

** Doutora em Estudos da Tradução (2010) pela Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC) com a tese "La poetica della traduzione di Machado de Assis in italiano: O Anjo Rafael". Atualmente é professor adjunto III da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, área de Língua e Literatura italiana e suas linhas de pesquisa de interesse são: poéticas da tradução, literatura italiana do século XIX, Literatura Comparada. E-mail: floripalma@gmail.com.

os desafios...

Italo Calvino se tornou um “fenômeno literário” no Brasil porque teve tradutores e tradutoras que se assumiram enquanto coautores.

Assim, aquele primeiro autor (conceito de Lionardo Bruni d’Arezzo, na década de 1420) teve Roberta Barni como segunda autora, Ivo Barroso, Diogo Mainardi, Maurício Santana Dias e este teimoso que lhes fala e outros mais, todos igualmente segundos autores, cômicos de todos os riscos, prazeres e responsabilidades da operação tradutória.

Ou seja, todos nós, escribas de altíssimo nível, recriamos textos publicados na segunda metade do século XX, pautados por aquela específica norma urbana culta calviniana, em fluente e sonoro português do Brasil. O meu registro pessoal? Para além das barreiras inerentes à cultura/língua de partida > cultura/língua de chegada, uma tentativa de captar tantas nuances de ironia e de musicalidade.

Um dos decanos da tradução no Brasil, nosso mestre, o professor Boris Schnaiderman, certa vez, declarou numa entrevista: “Estou revendo as traduções que fiz há 30 / 40 / 50 anos” e passou a relatar suas surpresas agradáveis e desagradáveis. Desde: “Como fui capaz de escrever uma coisa dessas?” até “este traidor não é dos piores...” (citação de memória). E eu com meus botões: espero, algum dia, poder me oferecer tamanho prazer...

E você já passou por essa experiência com relação a Calvino? Já releu suas traduções depois um tempo? Refletiu sobre elas?

Inesperadamente, antes de completar três décadas de traduções publicadas, uma primeira chance logo se apresentou: um convite da professora Lucia Wataghin, na Faculdade de Letras da USP, em março 2011.

O convite da professora Lucia era para comentar “dificuldades” ao traduzir *Fábulas Italianas*. Ao juntar fragmentos para dialogar com seus estudantes, recuperei uma revista que havia consultado durante minhas traduções do nosso antepassado lígure. Essa citação tornou-se então um dos eixos da minha fala. Quando logro escapar da cela do tradutor isolado, sempre me preocupo em contornar determinadas armadilhas, por exemplo, não me restringir a curiosidades a propósito de obstáculos sintático-semânticos.

Isso mostra que a sua preocupação como tradutor é com o texto e a obra na sua completude, além da distinção dicotômica entre forma e conteúdo. E qual era essa citação?

É de um texto de Calvino intitulado *Pinóquio, o garoto centenário*, publicado em “O Correio” da UNESCO, ano 10, número 8, RJ, FGV, agosto 1982: “Daí, o poder fecundante de Pinóquio, ao menos segundo minha experiência, pois, desde que me iniciei na literatura, considero esta obra um modelo de narração de aventura”.

Aliás, eis uma sugestão para pesquisa: Pinóquio/Collodi enquanto uma das matrizes discursivas para a seleção das 200 *Fábulas Italianas* e para outros livros de Italo Calvino. Eu diria que caberia cotejar com as Ediciones Siruela/Espanha, completa, plena de qualidades sob quaisquer perspectivas, a edição brasileira da Companhia das Letras, que só incluiu 80 das 200 fábulas publicadas em italiano. Quando vamos traduzir as 120 restantes? E quem vai se atrever?

Em outro âmbito, sugiro ainda a professores, estudantes e até mesmo a diletantes em geral que se passe a cotejar regularmente versões brasileiras com as excelentes traduções lusitanas, e não só de Calvino. Um exemplo do séc. XVI: *As viagens de Marco Paulo* (o nosso Marco Polo) em reedição da Biblioteca Nacional de Lisboa (início séc. XX).

Interessante essa sugestão de pesquisa que aponta para a influência da obra prima de Colodi, *Pinóquio*, na narrativa calviniana e para a importância da leitura e análise de boas traduções de uma obra que vai ser traduzida. E retornando aos seus exercícios de reflexão sobre suas traduções de Calvino...

Minha segunda oportunidade: convite do SESC São Paulo, filial Sé, Clube da Leitura. A organizadora da atividade era uma jovem com graduação em Letras. Os frequentadores dessa variante de “comunidade de leitores”, heterogêneos quanto à faixa etária e classe social, escolhiam uma obra para discutir. Naquele caso, foi *O visconde partido ao meio*. Corria o final de outubro de 2012. Todos deviam ler o livro selecionado a fim de participar do debate orientado pelo próprio autor, pelo tradutor ou por algum estudioso de literatura. Os grupos costumavam variar de 15 a 20 pessoas.

E qual foi a reflexão proposta por você nesse encontro?

No prefácio, escrito pelo próprio Calvino, se lê:

“... o relato me conduziu, por sua espontânea propulsão interna àquilo que sempre foi e continua sendo o meu verdadeiro tema narrativo: uma pessoa se impõe voluntariamente uma regra difícil e a segue até as últimas consequências, pois sem esta não seria ela mesma nem para si nem para os outros.”

Fiz então uma glosa em linguagem acessível, adequada àquele coletivo efêmero, sem banalizações de cunho paternal/populista, e aproveito aqui para questionar: essa reflexão do prefácio vale somente para *Il visconte dimezzato* ou valeria também para o conjunto da obra de Calvino?

Essa poderia ser, então, sua outra sugestão/proposta para os pesquisadores da obra calviniana... E você teve outras oportunidades para repensar suas traduções?

Sim, houve outras duas. Um terceiro reencontro com uma tradução “antiga” aconteceu no SESC Vila Mariana/SP, Clube da Leitura, em outubro de 2013. Tratava-se então de um grupo de mulheres da terceira idade e a obra escolhida foi *Se um viajante numa noite de inverno*. Na época contei com a convência lítero-provocadora (bem discreta) da mesma profissional organizadora.

Após minha breve fala, destacando alguns aspectos dessa admirável “viagem hibernal”, produziu-se um insólito e inesperado debate: riquíssimo sob vários enfoques. Depois de duas horas, fomos despejados da sala porque haveria outra atividade.

Aquelas calejadas leitoras (várias avós, dessas que “se recusam a cuidar de netos”) fizeram conexões extraordinárias entre diversos livros de Calvino. Elas cotejaram passagens de outros autores, ensaiando exercícios de metalinguagem sobre autor/leitor e leituras. Dentre essas leitoras veteranas, também havia professoras aposentadas, nenhuma de Letras. E o mais marcante em minha longa experiência com grupos de leitores: nenhuma delas precisou citar Wolfgang Iser, nem Borges, nem Luís Costa Lima, para serem ouvidas com atenção. Ninguém se referiu à estética da recepção ou codificações similares. O foco era o prazer da leitura e “o que essa leitura despertou em mim”... As diversas falas não eram competitivas: aquela pequena comunidade de leitoras mais dialogava entre si do que se exibia. Nossa sorte era que ninguém teria de ser avaliado para nenhum tipo de pontuação e/ou promoção semestral/anual. Por isso, viva a diferença em relação a certos ambientes da nossa “República das Letras”!!!

E a última releitura de suas traduções como foi?

Foi com um grupo de teatro, aproximadamente 20 jovens, no CCBB Rio de Janeiro, encenação de *Marcivaldo ou As estações na cidade*. Aconteceu no mês de março de 2014. Também ali a organizadora era uma jovem com formação em Letras (e teatro). Me disseram que foi um sucesso, com aplausos durante a encenação.

Este mesmo pequeno grande livro, *Marcovaldo*, eu já usara anteriormente, num minicurso de educação ambiental, em Macapá, a fim de discutir ecologia urbana. Por favor, releiam este *gioiello*! Reler livros e rever personagens/temas queridos é sempre um salutar reencontro: pode até conduzir à escrita.

O que gostaria de dizer aos leitores e tradutores de Calvino?

Reitero o que todos aqui já sabem, ou seja, Calvino é mesmo um grande autor, um clássico da literatura europeia do século XX. E constitui uma espécie de “jazida pouco explorada” para estimular debates fora de ambientes escolares. E, em clave lúdica (prazer da leitura), pode ser superiormente apreciado e recriado.

À guisa de (in)conclusão:

“A *significação* (...) está dispersa ao longo de toda uma cadeia de significantes e não pode ser facilmente fixada: ela nunca está totalmente presente em um signo, mas é antes *uma espécie de constante oscilação de presença e ausência*. Ler um texto significa antes acompanhar esse processo de oscilação do que contar as contas de um colar”. (Terry Eagleton, 1993, *apud O desejo da escrita em Italo Calvino*, Rita de Cassia Costa, 2003, p. 51)

And last but not least:

Um voto de louvor à Faculdade de Letras da UFMG. Um coletivo capaz de produzir teses como “*Saber narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvino*” merece ter seus subsídios ampliados. *Laudata sunt* em especial: Maria Elisa Rodrigues Moreira e seu tutor, mestre Wander Melo Miranda.

Bibliografia consultada por Nilson Moulin, com comentários e sugestões para pesquisadores e tradutores

BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo, Editora 34, 2013.

Altamente recomendável. No capítulo “Poesia e pensamento: O lugar da retórica na obra de Vico; Leopardi; Leopardi tradutor: a Natureza, os Antigos”. p. 123 até 176. Bem fácil é armar-se em iconoclasta contra os pioneiros, bem mais difícil é produzir como eles.

CALVINO, Italo. *Os nossos antepassados. O visconde partido ao meio. O barão nas árvores. O cavaleiro inexistente*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo, Companhia das Letras, 1999 [1960].

_____. *Il barone rampante* foi o primeiro que traduzi e me deixei seduzir. Eu me identifiquei com a personagem principal, Cosme Chuvasco de Rondó: quando criança, me escondia para poder ler tudo o que desejava. E ainda tinha de aturar dos bípedes adultos que me circundavam: “De tanto ler, este menino vai acabar doidinho”.

_____. *Marcovaldo ou as estações na cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 [1952]. Pode ser encarado como uma espécie de folhetim para educação ambiental: com crônicas urbanas, autônomas entre si.

_____. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 [1979].

Trata-se de uma tradução que, relida hoje, quase me sufoca: a quantidade/qualidade de leituras e glosas refinadas me provoca uma espécie de vertigem. Existirá um labirinto da hermenêutica? Graças à riqueza da literatura italiana, nós tradutores temos o privilégio de desfrutar de um stendhaliano “mal da Itália” redivivo, num âmbito específico de crítica literária, em pleno século XXI.

_____. *Sulla fiaba*. Milão: Mondadori, 2011 [1996]. Acoplado com *Fábulas Italianas* e com aqueles substanciosos prefácios dos 3 volumes da edição de I Millenni poderia embasar um curso fora dos padrões habituais das faculdades de Letras.

CASTRO, Gustavo de. *Italo Calvino: pequena cosmovisão do homem*. Brasília: Editora UnB, 2007.

Eis outra belíssima surpresa: densidade intelectual, vivência de formas/conteúdo enquanto leitor sofisticado. E ademais, sem aquelas idiossincrasias e firulas acadêmicas que costumam afastar tantos leitores... Afinal, macróbios literatos, com a espessura/sensibilidade/erudição de A. Bosi, A. Candido e L. Costa Lima prosseguem fecundando nossas Faculdades de Letras (explicitados ou não nas bibliografias). E por que não citam mais a saudosa professora Dirce C. Riedel? Esquecimento ou ignorância? A EdUERJ anda planejando reeditar sua *opera omnia*.

COSTA, Rita de Cássia Maia e Silva. *O desejo da escrita em Italo Calvino: para uma teoria da leitura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

Desde que se consagrou entre nós a prática de misturar referências de matrizes psicanalíticas com teoria literária, muita água já correu. Que tal ler outros textos de Freud, além daqueles julgados “obrigatórios”? Que tal consultar também C. G. Jung? (e não só no que concerne aos arquétipos em suas conexões com determinadas fábulas da tradição oral).

Vamos reler “A tarefa do tradutor” de W. Benjamin, à luz dos hipertextos e das telas eletrônicas?

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas. São Paulo: Alameda, 2006.

Viva! Já se escreve teoria literária de muito boa qualidade “abaixo do Equador”. Que tal um curso centrado num eixo diacrônico ironia/humor a partir de alguns textos de Calvino?

FELTRINELLI, Carlo. *Feltrinelli: editor, aristocrata e subversivo*. Trad. Romana Ghirotti Prado. São Paulo: Conrad, 2006 [1999].

“Os deveres de um intelectual”: um filho escreve a biografia de seu polêmico pai. Ao tratar da invasão dos tanques soviéticos, em 1956, e suas repercussões na Itália, Carlo Feltrinelli faz emergir um Calvino peremptório, explicitamente político: junto com outros intelectuais, ele abandona o Partido Comunista, brandindo suas posições críticas contra qualquer tipo de autoritarismo. Como a dialética se manifesta na obra desse autor/editor, *ex-partigiano*? Que tal mais Gramsci para reler Calvino?

PERRELLA, Silvio. *Calvino*. Bari: Laterza, 2010 [1999].

Perrella nasceu em Palermo e vive/trabalha em Nápoles, portanto, fora da versão italiana do nosso eixo Rio/São Paulo. Que tal criarmos com estudantes uma paródia dessas cidades (lá e cá) que se auto-intitulam capitais culturais? Estimulados por Calvino e por esse ilustrado Perrella, poderíamos orquestrar uma oficina de textos, com relatos de estudantes sobre “Cidades excessivamente visíveis”?

Esse livro de Perrella é uma abordagem atraente ao “homem e sua obra”. Vários dados biobibliográficos se mesclam sutilmente a esboços de análises críticas. Trata-se de um texto que pode funcionar como sugestivo preâmbulo ao poliédrico Calvino.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Para uma teoria da interpretação. Semiologia, literatura e interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

A minha geração, ou seja, nós que fomos educados com perspectivas abertas, pouco canônicas, nós que desconstruímos o estruturalismo e outros “ismos”, apreciamos mais os intérpretes que não temem paradoxos. Neste caso, ainda F. Saussure, porém, temperado com Louis-Jean Calvet.

Calvino revisited or “Favolare Favellare”. Interview with Carlos Nilson Moulin Louzada

Abstract: This interview is the result of a conversation with Nilson Moulin which began during his visit to UFMG as a guest of the IV Simpósio Italo Calvino, in August 2014, and was completed by email at the end of that year.

Keywords: Translation. Translated literature. Italo Calvino.

